



Economizar alimentos salva vidas



Tomates derrubados no chão de feira ao norte de Nova Délhi, na Índia. Transportar alimentos para o mercado é uma corrida contra o tempo e quando são derrubados resultam em desperdício de alimento e renda ©AP Images

Uma pessoa em um país de baixa renda vê um saco de grãos cair de um caminhão aos solavancos ao longo de uma estrada de terra. O saco se abre e seu conteúdo se espalha.

Uma pessoa em um país de baixa renda vê um saco de grãos cair de um caminhão aos solavancos ao longo de uma estrada de terra. O saco se abre e seu conteúdo se espalha.

Um fazendeiro tem que armazenar sua safra de batata doce em um armazém em mau estado até que

a produção possa ser enviada para um mercado regional. Algumas batatas estragam porque a chuva penetra através de goteiras no prédio de madeira.

Ambos os exemplos ilustram os desafios de transportar alimentos das fazendas para os consumidores.

Cresce a demanda por alimentos

Até 2050 está previsto que a população mundial atinja 9 bilhões de pessoas. Naquele ano, a demanda por alimentos será 60% maior

do que em 2012, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Mas cultivar mais alimentos não será suficiente para atender a crescente demanda dos países em desenvolvimento para itens básicos como o painço e o arroz, e para a carne e alimentos processados, procurados pelo maior número de consumidores de renda média.

O que é preciso fazer é reduzir a quantidade de alimentos perdidos em trânsito das fazendas para os mercados.

Economizar alimentos salva vidas

O alto custo dos alimentos perdidos

A perda pós-colheita é o alimento perdido em qualquer etapa ao longo da linha de produção, desde o momento da colheita até a secagem, armazenamento, processamento, embalagem, transporte e comercialização. O Departamento de Estado diz que aproximadamente um terço dos alimentos produzidos no mundo é perdido. As causas mais comuns são o mofo; infestações de roedores ou insetos; ou exposição à chuva, seca ou temperaturas extremas. Os alimentos são perdidos por causa da falta de veículos, estradas e portos adequados, ou porque os agricultores não conseguem obter o crédito de que necessitam para comprar equipamentos de armazenamento adequados.

As perdas pós-colheita afetam a segurança alimentar de um país (ou seja, a disponibilidade, acessibilidade e qualidade dos alimentos), bem como os seus níveis de desnutrição e pobreza, de acordo com o Instituto ADM para Prevenção de Perdas Pós-Colheita da Universidade de Illinois. O instituto estima que alimentos em valor superior a US\$ 14 bilhões por ano



Em Mali, a seca fez com que a colheita de trigo deste homem se tornasse uma safra perdida ©AP Images

Plantação de milho em campo encharcado. Estações de plantio em que há inundações impedem que agricultores cheguem a áreas de plantio e, em alguns casos, arrastam as sementes ©AP Images



são perdidos – o suficiente para satisfazer as necessidades alimentares mínimas anuais de pelo menos 48 milhões de pessoas. No entanto, de acordo com o instituto, apenas 5% das despesas em pesquisa agrícola se destinam ao estudo de perdas pós-colheita. Perdas em volumes inaceitavelmente elevados devido a manipulação inadequada e falta de infraestrutura reduziram os benefícios econômicos potenciais do aumento da produtividade, principalmente para os pequenos produtores, a maioria dos quais são mulheres, segundo a FAO.

A perda de alimentos também contribui para preços mais elevados, porque parte do fornecimento mundial de alimentos foi retirado do mercado. Além disso, a perda de alimentos contribui para a degradação ambiental e as mudanças climáticas, uma vez que água, terra, mão de obra, fertilizantes e combustível valiosos são usados para produzir, processar e transportar mais alimentos para compensar aquilo que foi perdido.

Os Estados Unidos entram em cena

A perda de alimentos pós-colheita recebeu grande atenção nos anos 70 e 80, mas a conscientização para com o problema desapareceu com o passar do tempo. Com um renovado enfoque global na agricultura, que começou como uma resposta ao aumento dos preços dos alimentos em 2008, o interesse na prevenção da perda de alimentos ressurgiu, segundo o Banco Mundial.



Através da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), Land O'Lakes ajuda produtores de leite em Moçambique a aprender como manusear e armazenar o leite até que chegue aos consumidores USAID

Alimentar o Futuro é a iniciativa do governo dos EUA que visa combater a fome mundial e promover a segurança alimentar, lançada em 2009. Por meio da Alimentar o Futuro, os Estados Unidos apoiam países que desenvolvem seus setores agrícolas para gerar oportunidades para o crescimento econômico,



Mulher seca colheita de milho afetada por inundação no estado de Assam, na Índia. A inundação resultou em perda de alimentos em grande escala ©AP Images



Grande parte do trigo produzido no Quênia foi devastado pelo fungo Ug99, que ataca a haste do trigo e acaba sendo letal. O fungo Ug99 chegou até o Oriente Médio e coloca em risco colheitas de trigo ao redor do mundo. Com as mudanças climáticas, a doença da ferrugem representa uma ameaça ao abastecimento mundial de trigo ©AP Images



Uma operária do Camboja prepara sacas de arroz no moinho de arroz Norm Srim, em Prek Ho, na província de Kandal, ao sul de Phnom Penh, no Camboja. O primeiro-ministro do Camboja, Hun Sen, anunciou que até 2015 seu país se tornará um dos maiores exportadores de arroz do mundo ©AP Images

o comércio e a redução da pobreza e da fome, com foco nos pequenos produtores, especialmente as mulheres.

Os Estados Unidos também fazem parcerias com membros do setor privado, universidades, centros de pesquisa internacionais, agricultores e sociedade civil para

desenvolver soluções economicamente viáveis para a perda de alimentos pós-colheita e para mudar a percepção dos consumidores quanto à perda e desperdício de alimentos. É importante desenvolver tecnologias e técnicas para reduzir a perda de alimentos, adequadas às necessidades das

comunidades locais, que variam amplamente com base nas culturas, condições do solo, disponibilidade de água e clima.

A Alimentar o Futuro aplaude empresas que têm investido em soluções de valor agregado para alimentos pós-colheita, como caminhões refrigerados fechados para o transporte da produção para o mercado, embalagens revestidas, unidades frigoríficas e secadores solares. Ela faz parceria com empresas e universidades que desenvolvem equipamentos modernos de armazenamento e processamento.

Economizar mais alimentos melhorará a segurança alimentar de centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo, elevará a renda de milhões de pequenos agricultores e representará um passo gigantesco no sentido de preservar os recursos naturais do globo.

Estes trabalhadores de indústria de processamento de alimentos aprendem a limpar e embalar alimentos, evitando desperdício. Seu treinamento foi apoiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional ©AP Images

